

MEMÓRIA E IDENTIDADE EM CHARGES JORNALÍSTICAS: AMELY E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER CONTEMPORÂNEA

Camila Rodrigues (UNICENTRO)

CPF: 037.109.239-64

Níncia Cecília Teixeira Borges Ribas (UNICENTRO)

CPF: 006881439-97

O entendimento sobre o que é feminismo tem a origem na ação política das mulheres; em que mulheres tornam-se sujeitos históricos da transformação de sua própria condição social. Os feminismos, na atualidade, designam ações coletivas, individuais e existenciais para manifestar interesses voltados à esfera da mulher. As feministas procuram construir uma proposta ideológica para modificar o paradigma de sua situação de exclusão de poder e subordinação perante a sociedade. Priscila Vieira, cartunista paranaense, utiliza-se da linguagem verbo-visual para construir suas personagens, que estão ligadas a uma série de fatores culturais e sociais e, dessa forma, a cartunista (re)descobre o universo opressor na qual estão inseridas. As mulheres retratadas nos cartuns fogem aos estereótipos e entram em confronto, mesmo que de maneira velada, com a sociedade patriarcal. São mulheres que se sentem à margem, e o sentimento de não pertencimento ao mundo em que vivem é representado por um discurso irônico e bem humorado. A pesquisa analisa como se esquadrinha a identidade da personagem Amely no cartum de Priscila Vieira.

No entender de Susan Okin, (1979) as teorias sobre gêneros resultam de duas décadas de reflexões excessivas, análises e pesquisas. Joan Scott (1995) enfatiza que o termo “gênero” ultimamente é utilizado de “caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no “sexo”, ou seja, o termo elenca o aspecto relacional das definições normativas de feminilidade” (p.72). Simone de Beauvoir em 1949 em seu livro “O segundo sexo” lançou um debate radical acerca das teorias feministas ao enfatizar com a célebre frase que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, promovendo uma discussão no âmbito do componente social do sexo feminino diferente do seu aspecto biológico. Esta ideia lançada por Beauvoir (1949) permanece até os dias de hoje em evidência nas pesquisas sobre os estudos de gênero.

As definições/conceitos de gênero presentes nas discussões de Scott (1999) e Butler (2010) corroboram com a perspectiva construtivista social, elas destacam que tanto o sexo quanto o gênero são, em primeiro lugar, formas de saber, isto é, conhecimentos a respeito dos corpos, das diferenças sexuais, etc. A concepção de gênero está fortemente presente nos símbolos, representações culturais, nas normas e doutrinas, organizações sociais, nas identidades subjetivas.

Pelo viés sociológico, Identidade é o compartilhar de várias ideias e ideias de um determinado grupo. O olhar antropológico esboça a identidade como a soma não concluída de signos; qualquer identidade que não fosse clara, ou que não pudesse se situar claramente em uma forma ou outra – “ficando em cima do muro”, passava a ser considerada um problema. Num mundo onde tudo é transitório, uma identidade fixa e bem definida não parece ser muito atrativa. Tudo deve ser consumido, as identidades se tornam algo a ser consumido. E o consumo passa a ser o meio pelo qual são construídas as identidades.

Hall (1987) e Bauman (2005) afirmam que a globalização tem um impacto considerável sobre a identidade. A incerteza vivida em um sentimento de movimento eterno, na interconexão virtual de informações geradas a toda hora, leva a uma necessidade constante de readaptação da identidade. Portanto, a compreensão de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa” (Bauman, 2005, p. 18)

Ao analisar a representação feminina presente na personagem Amely é importante discorrer sobre a teoria de representações sociais, enfatizando a abordagem processual (Moscovici, 1961), que preocupa-se centralmente com a construção da representação, sua gênese, seus processos de elaboração, e seus aspectos constituintes da representação de informações, imagens, crenças, valores, opiniões, elementos culturais, ideológicos etc. Os autores da teoria afirmam que toda representação se origina em um sujeito, seja ele individual ou coletivo e se refere a um objeto. Portanto, a teoria da representação social não separa o sujeito social e o seu saber concreto do seu contexto.

Palavras chaves: identidade, gênero, representação e feminismo.